



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL – CCBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS DE BACABAL - CCLB

RAHILDA SANTOS PESSOA

LITERATURA E PSIQUE: Uma análise da construção das figuras arquetípicas de
resistência feminista na prosa machadiana

RAHILDA SANTOS PESSOA

LITERATURA E PSIQUE: Uma análise da construção das figuras arquetípicas de
resistência feminista na prosa machadiana

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Letras – Português, da Universidade Federal do
Maranhão, (UFMA) - Centro de Ciências de Bacabal
(CCBA), como requisito para a obtenção do grau de
licenciatura em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pessoa, Rahilda Santos.

Literatura e psique: uma análise da construção
arquetípica de resistência feminista na prosa machadiana /
Rahilda Santos Pessoa. - 2025.
46 f.

Orientador(a): Rubenil da Silva Oliveira.

Monografia (Graduação) - Curso de Letras - Português,
Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do
Maranhão - Ufma, Bacabal, 2025.

1. Mulher. 2. Arquétipos. 3. Resistência Feminina.
4. A Mão e A Luva. 5. Helena. I. Oliveira, Rubenil da
Silva. II. Título.

RAHILDA SANTOS PESSOA

**LITERATURA E PSIQUE: Uma análise da construção das figuras arquetípicas de
resistência feminista na prosa machadiana**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Letras – Português, da Universidade Federal do
Maranhão, (UFMA) - Centro de Ciências de Bacabal
(CCBa), como requisito para a obtenção do grau de
licenciatura em Letras – Português.

Aprovada em: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira (UFMA)
Orientador

Prof. Dr. Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva (UFMA)
1º Examinador (a)

Prof. Dr. Alexander Ortega Marin (UFMA)
2º Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Ao Homem que primeiro me amou, me resgatou, e me deu inspiração para viver em meio a esse mundo.

Ao meu falecido pai de coração e avô que sempre se orgulhou de mim e nunca me deixou faltar carinho e incentivo a estudar e ser independente.

À minha Mamis Poderosa, como carinhosamente a chamo, que sempre foi minha mãe e meu pai por nunca ter desistido de mim mesmo nos dias mais difíceis.

Ao meu noivo, que é meu coração e minha alma, meu suporte, pelo estímulo a sempre seguir em frente mesmo quando me faltaram as forças, a fé e o equilíbrio.

À minha grande família por todo barulho, cantoria e incentivo durante a criação desse trabalho.

Ao meu grupinho Fernanda, Esther, Thiago, Isaque e Ellen por dividir o peso do processo e partilhar comigo essa caminhada.

Aos meus irmãos em Cristo, que foram combustível durante a caminhada.

Ao meu orientador, Dr. Rubenil da Silva Oliveira, pelo apoio e incentivo nesta difícil caminhada.

Ao amigo e querido professor Dr. Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva, pelo carinho, apoio e preocupação com a minha formação acadêmica.

E a Universidade Federal do Maranhão.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso investiga os arquétipos da resistência feminista na escrita machadiana. Para isso, teve como objetivo geral analisar a construção psicológica das figuras arquetípicas de resistência feminista nos romances românticos **A mão e a luva** e **Helena**, de Machado de Assis (1839 – 1908). A fim de assegurar a exequibilidade do objetivo recorreu-se à pesquisa do tipo bibliográfica e a abordagem qualitativa, além da técnica do fichamento para o manuseio das teorias e das obras literárias. Nisto, recorreu-se à leitura dos romances **A mão e a luva** (1874) e **Helena** (1876), e Coutinho (1986), Candido (1989), Ribeiro (2008), Jung (2016), Carpeaux (2020), Bosi (2015), entre outros que se fizeram necessários à análise. Consoante à pesquisa notou que na escrita machadiana é perceptível a presença de críticas à sociedade da época, por meio de personagens femininas que possuíam virtudes e traços que não se encaixaram nos padrões do patriarcalismo, trazendo em si a resistência feminista, outrora adotada em movimentos da era pós-moderna. Assim sendo, temos em **A mão e a luva** (1874) Guiomar, mulher decidida, de senso prático e habilidades de manejar o próprio destino, e em **Helena** (1876), que narra a história da personagem de mesmo nome, uma mulher inteligente, bela e que sabia se portar diante de qualquer situação, defendendo seus ideais mesmo em meio a uma sociedade machista.

Palavras-chave: Mulher; Arquétipos; Resistência feminina; A mão e a luva; Helena.

ABSTRACT

This Final Course Work investigates the archetypes of feminist resistance in Machado's writing. To this end, its general objective was to analyze the psychological construction of the archetypal figures of feminist resistance in the romantic novels **A mão e a luva** and **Helena**, by Machado de Assis (1839-1908). In order to ensure the feasibility of the objective, bibliographic research and a qualitative approach were used, in addition to the indexing technique for handling theories and literary works. In this, we resorted to reading the novels **A mão e a luva** (1874) and **Helena** (1876), and Coutinho (1986), Candido (1989), Ribeiro (2008), Jung (2016), Carpeaux (2020), Bosi (2015), among others that were necessary for the analysis. According to the research, it was noted that in Machado's writing, there is a noticeable presence of criticism of the society of the time, through female characters who had virtues and traits that did not fit into the standards of patriarchy, bringing with them the feminist resistance, once adopted in movements of the post-modern era. Thus, in **A mão e a luva** (1874) we have Guiomar, a determined woman, with a practical sense and the ability to manage her own destiny, and in **Helena** (1876), which tells the story of the character of the same name, an intelligent, beautiful woman who knew how to behave in any situation, defending her ideals even in the midst of a sexist society.

Keywords: Woman; Archetypes; Feminine resistance; A mão e a luva; Helena.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	MACHADO DE ASSIS: biografia e projeto estético da alma humana.....	11
2.1	Do Morro do Livramento para o mundo: Notas biográficas e o projeto literário machadiano.....	12
2.2	Noções de resistência dos perfis femininos machadianos.....	15
3	LITERATURA E PSICANÁLISE: para entender as representações do comportamento humano.....	20
3.1	Machado de Assis: um psicanalista na literatura.....	21
3.2	Os arquétipos de Carl Jung: discussão teórica.....	24
4	OS ARQUETIPOS NA PROSA ROMÂNTICA MACHADIANA.....	29
4.1	Arquétipos de resistência feminina em A mão e a luva.....	30
4.2	Arquétipos de resistência feminina em Helena.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

A Literatura e a Psicanálise são áreas de conhecimento da humanidade, que contribuem para entender melhor a cultura, a sociedade e questões da psicologia humana. A Psicologia aborda estudos relacionados a subjetividade humana e tem como centro a psique do homem, seus comportamentos, sentimentos, emoções e relações de convivência. Dentro de suas ramificações temos a Psicanálise, que se volta para o conhecimento sobre a vida psíquica e o inconsciente, que possui entre seus principais teóricos Carl Gustav Jung, o qual contribuiu doravante para o desenvolvimento dos estudos do comportamento na sociedade.

Entende-se que a literatura aborda um amplo estudo de produções literárias sendo um instrumento de instrução e humanização do homem, uma forma de expressão e de conhecimento (Candido, 1989). Ela aborda temas como preconceitos, identidades, problemas sociais, questões de gênero, dentre outros. Um de seus maiores representantes é Joaquim Maria Machado de Assis, escritor e prosador brasileiro, que produziu peças de teatro, poesias, contos e romances, que possuem impacto na sociedade até os dias atuais. Dessa maneira, podemos concatenar a Literatura e a Psicologia, sob o viés da Psicanálise no que tange o inconsciente e os arquétipos que regem o comportamento humano em meio a sociedade. Sendo assim, podemos notar como as personagens da prosa machadiana se encaixam nos arquétipos elaborados por Carl Jung, de modo que destoam do padrão de comportamento esperado da época, produzindo em si a resistência feminista.

Por conseguinte, a presente produção acadêmica foi pensada objetivando a elaboração de uma análise teórica acerca da construção psicológica das principais personagens femininas do poeta e prosador Machado de Assis, visto que existe a necessidade da abordagem desses traços característicos da personalidade de cada uma dessas mulheres, que as elegem como modelos por possuírem acima de tudo atitudes opostas ao sistema patriarcal e machista do século XIX. Nesse sentido, o problema abordado corresponde ao seguinte: Como são construídas as figuras arquetípicas de resistência feminista nos romances **A Mão e a Luva** e **Helena**, de Machado de Assis?

O objetivo geral foi analisar a construção psicológica das figuras arquetípicas de resistência feminista nos romances românticos **A Mão e a Luva** e **Helena**, de Machado de Assis. Essa abordagem é de suma importância, sobretudo por apresentar uma visão única e enaltecadora de traços feministas detectados no comportamento e na personalidade das figuras femininas criadas pelo ilustre escritor brasileiro Machado de Assis, contribuindo para o rompimento de paradigmas instituídos pela atual sociedade machista, acerca do papel da

mulher. Além de proporcionar e levantar questões pertinentes a nossa sociedade, reafirmando a importância de se ter um lugar para as mulheres na atualidade. Dentre os objetivos específicos, tivemos: identificar os elementos demarcadores dos arquétipos da resistência feminista a partir das personagens Guiomar e Helena; caracterizar elementos arquetípicos de resistência feminista na representação das personagens de Machados de Assis e; discutir a noção de resistência das personagens Guiomar e Helena nos romances machadianos, **A Mão e a Luva** e **Helena**, respectivamente.

Ao ambicionar um estudo que trata da relação da resistência feminista de personas literárias e os arquétipos, estaria vislumbrando a tentativa de estabelecer parâmetros ainda mais coerentes para visualizar a formação de conteúdos como o feminismo, a resistência e o comportamento da mulher em sociedade, de modo diferente do padrão habitual de uma sociedade que impera o patriarcalismo. Em vista disso, o tipo de estudo abordado trata-se de uma pesquisa bibliográfica, tendo como escopo a análise de um conjunto de obras de diversos autores, dentre eles: Jung (2016), Assis (2008; 2023), Coutinho (1986), Candido (1989), Ribeiro (2008), Carpeaux (2020), Bosi (2015). Assim sendo, para alcançar os objetivos estabelecidos e obter resultados e respostas acerca da problematização apresentada, serão utilizados os dados coletados dos fichamentos de obras e artigos de escritores renomados, que tem em comum a tendência de correlacionar as vertentes teóricas sob análise, ou mesmo seus campos de estudo e objetos de abordagem.

O presente trabalho se mostra imprescindível, sobretudo porque destina-se ao público acadêmico, tendo em vista a escassez de maiores pesquisas trabalhando as duas temáticas em análise, para possibilitar a complementaridade dos conceitos propostos, tendo em conta sua relevância e necessidade de uma elucidação precisa, visto que, embora existam materiais que envolvem a abordagem de cada teoria de forma isolada, pouco se tem tratando as duas em conjunto.

Em princípio, foi apresentada a biografia de Machado de Assis, seguida da abordagem conceitual e histórica do feminismo na literatura e na sociedade, reunindo a visão dos principais autores sobre a formação histórica do papel da mulher e da resistência feminista. Posteriormente, foram estudados os princípios, implicações e conceitos que envolvem o estudo dos arquétipos em Carl Jung no âmbito da psique, traçando ainda um paralelo com conceitos Freudianos e de outros autores renomados. Por fim, empenhamo-nos na análise da construção psicológica das figuras arquetípicas de resistência feminista na prosa machadiana a partir de autores que embasam a problemática, como a sociedade do século XIX, a cultura, noções de resistência, o patriarcalismo e o feminismo.

Sendo assim, esses conceitos são de suma importância para a compreensão do comportamento feminino, e quando colocados em consonância, nos permitem entender como se deu o processo de resistência feminina até o estabelecimento do feminismo, transformando essas personagens em verdadeiros arquétipos, modelos a serem seguidos por outras mulheres até a atualidade.

2 MACHADO DE ASSIS: biografia e projeto estético da alma humana

O objetivo deste capítulo é apresentar a biografia do maior escritor brasileiro de todos os tempos, Joaquim Maria Machado de Assis, uma vez que a obra dele tem “a possibilidade de ser reinterpretada à medida que o tempo passa, porque, tendo uma dimensão profunda de universalidade, funciona como se se dirigisse a cada época que surge” (Candido, 2023, p. 55). Além de tratar acerca da noção de resistência dos perfis femininos das personagens machadianas.

Nascido em 21 de junho de 1839, no morro do Livramento, localizado no Rio de Janeiro. Oriundo de uma família pobre e humilde, filho de um mulato pintor de paredes e de uma portuguesa açoriana, Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado da Câmara, respectivamente. Perdeu seus pais muito cedo, foi criado pela madrasta, não realizou os estudos regulares, mas se desenvolveu com a ajuda de pessoas conhecidas da família, como o padre Silveira Sarmiento. (Pereira, 1988).

Além disso, seu primeiro trabalho foi como auxiliar de tipografia, sob a supervisão do escritor Manuel Antônio de Almeida (1831 – 1861). Segundo Silvio Romero, “esta profissão teve a vantagem de despertar-lhe o gosto literário e pô-lo em relação com os escritores do tempo” (Romero, 1980, p.1499). Daí em diante ele se tornou funcionário público, revisor de editora e de jornal e até jornalista. Se desenvolveu na área publicando poemas, peças teatrais e crônicas. Subiu todos os degraus possíveis com seu próprio trabalho.

Machado de Assis era assolado pela gagueira e epilepsia, o que não impediu o seu sucesso como um dos maiores escritores da literatura brasileira. Neste sentido, afirma Afrânio Coutinho que ele é “o primeiro e o mais acabado modelo do homem de letras autêntico.” (Coutinho, 1986, p.15) Seu primeiro poema “Ela”, foi publicado no ano de 1855 e nove anos mais tarde é publicado o seu primeiro livro de poemas, **Crisálidas**, e algumas peças teatrais. Em 1869, Machado de Assis casa-se com Carolina Augusta Xavier de Novais.

Em 1870 publica os **Contos Fluminenses**. O seu primeiro romance, **Ressureição**, foi publicado em 1872, a coletânea de contos intitulada **Histórias da Meia – noite**, em 1873, **A Mão e a Luva**, em 1874, **Helena**, em 1876, **Iaiá Garcia**, em 1878. Com esta obra fecha o período romântico de Machado de Assis, para iniciar sua fase realista com **Memórias póstumas de Brás Cubas**, em 1881, **Papeis avulsos**, em 1882, **Histórias Sem Data**, em 1884, **Páginas Recolhidas**, em 1889, coletânea de contos, **Várias Histórias**, em 1896, **Quincas Borba**, em 1891, **Dom Casmurro**, em 1890, **Esaú e Jacó**, em 1904, **Relíquias da Casa Velha** (contos), em 1906, **Memorial de Aires**, em 1908.

Machado de Assis tornou-se referência, com uma história repleta de méritos próprios, até hoje é um dos maiores representantes da Literatura Brasileira. Além disso, em parceria com Joaquim Nabuco fundou a Academia Brasileira de Letras, recebeu diversos prêmios e homenagens durante sua vida e após sua morte, publicou obras que enriquecem a cultura brasileira e tratam de diversos assuntos relacionados a sociedade da época; e por fim morreu em confortável situação econômica em 29 de setembro de 1908.

2.1 Do Morro do Livramento para o mundo: notas biográficas e o projeto literário machadiano

Machado de Assis tem sua origem no Morro do Livramento, Rio de Janeiro. Na época de seu nascimento, a cidade ainda não era evoluída, de fato o século XIX é marcado por uma intensa agitação social, guerras e o surgimento de novas ideologias. A sociedade ainda se encontrava ruralizada, a vida urbana estava em pleno desenvolvimento e a escravidão era uma prática comum nessa época.

Nesse sentido, após a chegada da família real no Brasil em 1808 que as mudanças começaram a influenciar a população, a exemplo da abolição da escravidão, da independência do Brasil e da publicação da primeira Constituição Federal. Em meio a tudo isso viveu Machado de Assis, emergiu de uma camada baixa da sociedade, filho de pais pobres, ainda assim, conseguiu ascender socialmente, se tornando o maior escritor brasileiro, como relatado por Carpeaux (2020, p.22):

O homem pobre das camadas mais baixas da sociedade, no Brasil de século XIX, não é um proletário: é simplesmente um “pobre”, no sentido do socialismo pré-marxista. A origem desse homem pobre aparece proletária apenas quando ele venceu na vida, elevando-se até pertencer à elite. É o caso de Machado de Assis, que tem, na vida, todos os característicos do proletário subido da sua classe. [...] Por isso, Machado de Assis não exprime, literariamente, uma realidade social, mas uma realidade individual, [...] precursor ele de toda a literatura futura. Ponto de vista para contribuir à compreensão: de que os outros dão afirmações, deixando documentos valiosíssimos; enquanto Machado de Assis deixou um valor literário, um estilo.

Diante disso, apesar de nascer em uma família com pouco prestígio social, o escritor transformou sua existência em algo memorável, por meio da publicação de obras que influenciam até a atualidade, a literatura e a sociedade. Machado é visto em sua biografia por vários ângulos, uma figura multifacetada, passa de um simples tipógrafo para o maior

representante da literatura brasileira, foi classificado, em relação aos movimentos literários, do romântico ao pós – moderno, como também alheio a todos os esses movimentos. Passa de um alienado do seu tempo ao maior intérprete da sua época, já foi visto como branco, multirracial, mulato e negro. É também conhecido como o Bruxo do Cosme Velho, irônico, cético, pessimista, humorista, enfim talentoso, tudo isso compõe a imagem de nosso exímio Machado de Assis:

Machado de Assis é, de longe, o maior escritor brasileiro. O percurso dele é muito original, é um homem de grande importância que teve uma evolução, não uma evolução milagrosa, mas sim a evolução de um homem superior que entrou no meio social e subiu com o homem, partindo de uma base evidentemente modesta... É preciso acrescentar que Machado de Assis é essencialmente o escritor carioca, fluminense, como se dizia àquela altura, e, apesar disso, um escritor verdadeiramente universal (Massa, 2006, p.462-463).

Sobre Machado de Assis, além de se tornar relevante escritor brasileiro, é romancista, cronista, crítico, poeta, prosador, e teatrólogo, que vivenciou a transição do Romantismo para o Realismo, tendo elaborado obras com características românticas e realistas. Em meio à sua escrita, percebemos a presença de ironia e críticas à sociedade da época. Veríssimo (1892, p. 11) afirma que “o S.r Machado de Assis não é nem um romântico, nem um naturalista, nem um nacionalista, nem um realista, nem entra em qualquer dessas classificações em *ismo* ou *ista*”. Assim, mesmo após o transcurso do tempo essa é a melhor classificação diante da extensa e grandiosa prosa machadiana.

Segundo Alfredo Bosi (2015, p.184), “o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha – se na ficção de Machado de Assis.” O ilustre escritor, nos mostra através de seus textos a época em que viveu, se destaca por tecer críticas, ainda que sutis, a figuras das mais altas classes sociais, ele escreve sobre a sociedade brasileira do Segundo Reinado, um verdadeiro reflexo sobre o que se passava naquela época, como afirmado no excerto que segue.

A obra de Machado apresenta um retrato vivo da elite oligárquica e patriarcal da capital do Império, a mesma que ele conheceu de perto, mas da qual jamais fez parte. Distanciava-o não apenas a origem maculada, mas também seus valores e princípios, os quais não podem ser reduzidos à sua classe de origem ou à qual se associou devido ao sucesso. Machado retratou a sociedade brasileira de seu tempo através de histórias das desventuras de nossa elite, seus descasos, autoritarismos e brutalidade com relação aos menos favorecidos na escala social. Embora não tenha criado protagonistas das classes menos favorecidas, negros ou mulatos, esta opção não denota falta de consciência

com relação às desigualdades raciais, econômicas e políticas (Miskolci, 2006, p. 379 – 380).

Mesmo tendo alcançado uma posição de respeito em meio a sociedade, Machado manteve seus princípios e valores, e o olhar aguçado. Para Bosi (2007, p.18), o original encontrado em Machado está no fato de que ele ver por dentro o que o naturalismo via por fora, ou seja, o escritor cria seus personagens com características que ele mesmo presenciava diariamente naquela sociedade.

Ao nos debruçarmos sobre suas obras, notaremos que o escritor cria personagens complexos e únicos, Machado não era um repetidor, era um pensador e escritor crítico. Com suas habilidades no uso das palavras e criação de suas personas, Bosi (2007, p.11) conclui que o comportamento humano é o principal objetivo de Machado de Assis, assim como afirma Faoro (1974, p.40), o homem e seu destino é o interesse da prosa machadiana.

A origem do nosso autor, contribuiu profundamente como experiência fundamental de aprendizagem em sua vida, como observou Faoro (1974, p.424): “O pobre mulato que se evadira da miséria, ganhando status, respeito e prestígio, não pode ter a visão do aristocrata decaído, que apela para o bom passado. Sua visão se lança prospectivamente para o futuro, com o realismo de encarar o mundo como resistência e não como reino das ideias”.

Como já dito, Machado retrata a sociedade do século XIX de maneira tão espetacular que nos transporta à época como se de fato vivêssemos nela, porém o foco do nosso autor não é destruir a sociedade da época e sim demonstrar, ainda que ironicamente, em detalhes suas ações, como pessoas comuns carregadas de desejos, sonhos e defeitos:

Como o autor não pensa politicamente em destruir a sociedade em que vive, até porque não existem as condições históricas para isso, ele esmiúça suas fraquezas e incoerências, de forma a, pelo menos, possibilitar o desenvolvimento de uma consciência crítica em seu leitor. Ele aqui desnuda a instituição do casamento não para salvá-la, como José de Alencar, mas para revelar a hipocrisia que lhe é inerente. Machado de Assis não pode e não deve ser visto como um revolucionário, que não era, mas não se pode elidir sua aguçada consciência política que se exerce no limite das possibilidades de sua classe e de sua época. (Ribeiro, 2008, p.419).

O crítico e talentoso Machado de Assis, provocou e provoca em seus leitores uma nova forma de ver o mundo e as relações sociais, sua escrita é rica e detalhada de modo a captar a atenção e instigar o pensamento, independente da época em que vive. Um verdadeiro clássico que permanece, nos possibilitando pensar a realidade de diferentes maneiras, a depender da leitura e interpretação de suas obras. Uma construção narrativa riquíssima de detalhes que vão

além do que está escrito, de forma que até cem anos depois de sua morte continua sendo estudado, lido e dissecado por muitos sem que se esgote sua grandiosíssima obra.

2.2 Noções de resistência dos perfis femininos machadianos

Como forma de compreender a representação feminina por meio de Guiomar e Helena, como exemplos de resistência feminista, faz-se necessário contextualizarmos o comportamento da mulher na sociedade no século XIX, com a construção dessas personagens na narrativa, a fim de percebermos como elas destoam do estereótipo feminino desse período que é marcado pelo patriarcalismo. É relevante também, tratarmos do movimento feminista, essencial para o surgimento de um novo olhar acerca das mulheres.

As obras de Machado de Assis representam de modo sofisticado a condição feminina no Brasil, em meados do século XIX, explorando as expectativas impostas pela sociedade e suas formas de resistir. A sociedade representada em suas obras estava organizada, de modo que o patriarcalismo e o machismo imperavam, como mecanismo de silenciamento das mulheres, visto que o marco do movimento feminista ocorreria anos mais tarde.

Isso é perceptível também na organização social das famílias, onde o homem era o provedor e a mulher vivia apenas para o lar; dedicava-se ao homem, em uma relação de dominação, onde deveria ser submissa e agir apenas se o seu ‘dono’ estivesse de acordo, de modo que, até ao sair às ruas, deveria estar acompanhada. A única educação que elas recebiam estava voltada para os cuidados com o marido e os filhos, assumindo um papel social como mãe, esposa e gestora do lar. A respeito disso, as escritoras dizem:

O comportamento feminino do século XIX difere do masculino, pois estes possuem papéis distintos dentro da sociedade e da própria cultura. A manutenção do estereótipo do homem como o chefe da família era influenciado de sobremodo pelos dogmas da igreja, os quais afirmavam que as mulheres eram feitas somente para procriar, ser carinhosa e uma excelente dona de casa. A percepção quanto à padronização da mulher ‘ideal’ e como essas devem se comportar participa dos discursos sobre gênero como práticas sociais, onde o saber e o poder se entrecruzam, configurando categorias sociais a serem divulgadas por instituições e subjetividades apropriadas e emitidas pelos sujeitos históricos (Santos; Sacramento, 2011, p. 02).

Além disso, o casamento era uma prioridade para a família, principalmente aos olhos do pai, que arranjava um marido para suas filhas, precocemente, por volta dos 14 anos. Além de imprescindível, o casamento era um contrato que poderia elevar ou manter o status social da

família da noiva, como afirma Faoro (1974, p. 224): “O casamento é um negócio, como um negócio é a herança, mas negócios que tocam em coisas sagradas, o amor e a morte”.

Nesse século, assim como nos que o antecederam, as mulheres poderiam apenas aprender o que denominavam de ofício da mulher, que se estendia desde o ato de ser dada em casamento pelos seus pais, até cuidar dos filhos e marido, cozinhar, coser, ser submissa aos homens em seu redor, dentre outros. Nesta época, era raro ver uma mulher ocupar cargos importantes como por exemplo uma presidência ou chefiar estabelecimentos que não fossem suas próprias casas, visto que até mesmo em suas casas, viviam em função da figura masculina, conforme afirma Araújo (*apud* Priore, 2004, p.43):

O programa de estudos destinado às meninas era bem diferente do dirigido aos meninos, e mesmo nas matérias comuns, ministradas separadamente, o aprendizado delas limitava-se ao mínimo, de forma ligeira, leve. Só as que mais tarde seriam destinadas ao convento aprendiam latim e música; as demais restringiam-se ao que interessava ao funcionamento do futuro lar: ler, escrever, contar, coser e bordar; além disso, no máximo, que a “mestra lhes refira alguns passos da história instrutivos e edificação, e as faça entoar algumas cantigas inocentes, para as ter sempre alegre e divertidas.

Nessa mesma época, começam a surgir as primeiras revoluções no Brasil, relacionadas à mulher, como a luta por seus direitos, principalmente o do sufrágio e da educação, visto que as escolas existentes nesse período abrigavam em sua maioria os homens e grande parte das mulheres não eram alfabetizadas. As mulheres ainda viviam à margem da sociedade, mesmo se procedessem de famílias com boas condições, pelo fato de não terem expressivo desenvolvimento na leitura e na escrita. A maioria não podia estudar para aprender de fato, tendo em vista a carência de espaço para a manifestação de suas próprias opiniões e ideias, algo reservado exclusivamente aos homens.

A literatura é, portanto, o reflexo da sociedade. Nesse contexto Machado de Assis escreve suas obras, dentre uma sociedade peculiar. Em meio à sua escrita, percebemos a presença de ironia e críticas sociais, se valendo de personagens que representavam alguma camada social, bem como, por meio de personagens com potenciais elementos femininos, que se destacaram por possuírem virtudes e traços de autenticidade, em especial, por não se encaixarem nos padrões do patriarcalismo, reproduzindo em si a resistência feminista adotada em movimentos da era pós-moderna. A tendência ao confronto dos ideais patriarcais e machistas são temas atuais, de bastante expressão, pois notamos que a cada dia, mais mulheres apresentam suas opiniões e tomam posições nas mais variadas esferas de atuação em sociedade, tidas muitas vezes como rebeldes e insurgentes.

No entanto, estas causas remontam a períodos em que mulheres eram tolhidas de seus direitos, encontrando coragem e distinção, dando margem ao movimento feminista, “que surge em fins do século XVIII e toma corpo no século XIX, na maioria dos países europeus e nos Estados Unidos” (Costa; Sardenberg, 2008, p. 25). Desenvolvendo-se em ondas, primeiramente com o intuito de incluir as mulheres em direitos e privilégios, buscando a igualdade entre os gêneros, com o intuito de promover às mulheres da época, seus direitos, a exemplo do sufrágio universal (voto), ganhando ainda mais força com o envolvimento de movimentos mais específicos da sociedade, dentre eles, o movimento dos hippies, espalhando-se por todo o mundo.

Segundo Bandeira e Melo (2010, p. 7), “o movimento feminista nasceu das lutas coletivas das mulheres contra o sexismo, contra as condições de aversão e inferiorização do feminino, transformadas em práticas rotineiras de subordinação”, ou seja, diante da situação social em que as mulheres estavam submetidas e diminuídas, viu-se necessário se impor em conjunto para exigir seus direitos e igualdade com o público masculino. Nesse sentido, “o feminismo é a ação política das mulheres. Engloba teoria, prática, ética e torna as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo.” (Soares, 1998, p.33).

A primeira onda feminista perde a força a partir da década de 1930, só aparecendo uma nova onda, 30 anos depois, com o intuito de estabelecer relações de poder entre homens e mulheres, bem como, promover a liberdade para que elas tenham autonomia para decidir sobre seus corpos e suas vidas. Imperioso mencionar que a causa feminista está ligada em sua mais pura essência, ao respeito e equidade entre os gêneros, algo a ser explorado ao longo da análise do comportamento das figuras femininas de Machado de Assis.

O escritor, através de suas obras, utiliza em especial as figuras femininas, se solidarizando com suas causas, seus amores, frustrações, e posicionamento social. O douto escritor cria personagens distintas, com características puras, personalidades fortes e algumas vezes, traiçoeiras, que encaram à sua maneira, seus medos e desejos, inspirando mulheres deste contexto histórico a tomar um posicionamento, em busca de seus direitos.

Ao analisarmos a prosa machadiana, notamos uma gama de personagens femininas, criadas com o propósito de transmitir determinada mensagem, através de sua conduta, pensamentos, ações e sentimentos. Por intermédio dessas figuras, o escritor retrata sua opinião acerca do que se vivia na época, assim como demonstra personagens descontentes com sua posição social, que se uniriam para resistir ao patriarcalismo presente na sociedade em que viviam.

Resistir é um ato natural do comportamento humano. Para a física “resistência é a propriedade que tem toda substância de se opor à passagem da corrente elétrica e que é medida, em um corpo determinado, pelo quociente de tensão contínua aplicada às suas extremidades pela corrente elétrica que atravessa o corpo.” (Gordon Wheeler, 1991, *apud* Ribeiro, 2007, p. 74). Logo, uma força que se opõe a outra é denominada resistência.

Neste giro, “resistir é subsistir no eixo negativo que corre do passado para o presente; e é persistir no eixo instável que do presente se abre para o futuro” (Bosi, 1977 [2000], p. 226). O termo resistência, é utilizado na presente produção, como processo de recusa e enfrentamento provocado pelas mulheres, contra normas de conduta sociais e culturais, padrões e papéis desiguais que lhes foram impostos. Dessa forma, o ato de resistir é abordado como um comportamento adotado a fim de não acolher os padrões impostos pela sociedade patriarcal, que encontrava amparo nos dogmas da Igreja Católica.

Além da criatividade é perceptível nas obras machadianas a preocupação que o escritor possui em retratar a sociedade da época, e mais que isso, eternizar as mulheres deste período, como figuras à frente de seu tempo. Isto é notório através de suas personagens femininas, caracterizadas pelas suas espertezas e personalidades fortes. A resistência em Machado de Assis não é diretamente por meios rebeldes, e sim através de estratégias que vão desde a astúcia e manipulação social até a recusa dos ideais patriarcais. Sendo assim, ao abordarmos a escrita machadiana, sob a ótica do discurso feminista, podemos constatar a representatividade de algumas personagens, que em meio ao contexto social em que viviam, conseguiram se destacar, tendo em vista, suas posturas virtuosas.

Desse modo, podemos constatar personagens com formas arquetípicas de resistência feminista, tendo em vista o apreço pelo qual o ilustre escritor possuía com relação à abordagem dos papéis femininos em suas obras, que sempre conservavam atributos autênticos e irreverentes. Nesse sentido, a biógrafa Lúcia Miguel Pereira forma uma hipótese acerca das personagens machadianas, sobre a qual menciona que: “Uma depois da outra, a Guiomar de **A Mão e a luva**, **Helena**, a Estela de **Iaiá Garcia** e a Lalau de **Casa velha** vão encarnar o autor, discutir os direitos da ambição, lutar contra a hierarquia social.” (1988, p. 156)

As mulheres das obras de Machado seguem por trajetos de descobertas ligados ao empoderamento feminino, isto é, estão ligadas ao exercício de existir e de recalcitrar a partir dessa existência, emergindo dos papéis sociais, como donas de seus próprios corpos e destinos. Dentre suas inúmeras personagens, escolhemos duas para serem analisadas com mais precisão, a primeira delas, Guiomar do romance **A mão e a Luva**, que foi publicado originalmente sob

forma de folhetim, no jornal de Quintino Bocaiúva, **O Globo**, e em 1874 ganha formato de livro pela primeira vez.

O livro trata da história da personagem Guiomar, uma moça de infância pobre que ficou órfã de pai e mãe, passando a ser cuidada por sua madrinha. No decorrer da obra, vemos três pretendentes peculiares: Estevão, romântico e fraco; Jorge, o sobrinho da madrinha e Luís Alves, forte e decidido. Guiomar é caracterizada como uma mulher decidida, de senso prático e habilidade para manejar o próprio destino, ação que ocorre ao final da obra quando a personagem principal consegue atingir seus desejos e ambições através do matrimônio.

Por outro lado, temos o romance **Helena**, lançado inicialmente como folhetim em **O Globo**, sendo publicado em formato de livro em 1876, pertencente a fase romântica de Machado de Assis. A história da protagonista é regada de mistérios. Sendo reconhecida em testamento, como filha bastarda do Conselheiro Vale, passa a viver com sua “nova família”. Helena é descrita como inteligente, bela, afetuosa, que sabia se portar diante de qualquer situação, conquistando todos com quem passa a ter contato, aparentando sempre ser útil. Mesmo estando inserida em uma sociedade patriarcal e machista, Helena defende seus ideais sem se adequar à vontade dos homens que a cercam.

Apesar do meio e época em que estão inseridas, é possível notar nas entrelinhas, mulheres que portam uma personalidade diferenciada, apresentando comportamentos que contribuiriam para a quebra dos parâmetros instituídos pelo patriarcado, reproduzindo a resistência feminista que futuramente seria desenvolvido e aperfeiçoado, servindo como figuras arquetípicas de resistência. Sendo, portanto, de suma relevância a abordagem dos arquétipos, que será exposta adiante.

3 LITERATURA E PSICANÁLISE: para entender as representações do comportamento humano

A definição de Literatura vem sendo modificada e ampliada ao longo do tempo, vários estudiosos apontam seus pontos de vista e próprias concepções do que é literário. Antônio Candido (1989), renomado crítico literário, concebe a literatura como um direito humano, força humanizadora, capaz de proporcionar o desenvolvimento intelectual e o meio pelo qual o homem se expressa e se constitui, assim esta contribui na formação da personalidade do sujeito.

Terry Eagleton (2003), por outro lado, em seu capítulo “O que é Literatura?”, teoriza a respeito de algumas definições de literatura, inicialmente, o autor apresenta esta como a escrita “imaginativa”, mas logo afirma que tal definição não procede. Posteriormente, aborda a literatura como o emprego de uma escrita peculiar, que deforma a linguagem comum. (Eagleton, 2003, p. 05). Por fim, conclui que não existe uma definição do literário, pois depende de alguns fatores, a exemplo de, como o leitor vai receber o texto, o processo de leitura, etc.

Coelho (2000) se aproxima da concepção de Candido (1989), ao afirmar que a literatura é ligada à função de atuar sobre as mentes e espíritos, ampliando, transformando ou enriquecendo a experiência de vida, conforme exposto adiante:

Desde as suas origens, a Literatura aparece ligada à função essencial de atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações, e sobre os espíritos, nos quais se decidem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem. No encontro com a Literatura, os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade (Coelho, 2000, p.29).

Neste interim, de acordo com os autores supramencionados, a literatura é ampla e capaz de agir até sobre o emocional humano, bem como contribuir e influenciar no caráter formativo da pessoa, o que nos remete a outra área de grande relevância para esta produção, qual seja, a Psicanálise.

Sigmund Freud foi quem inicialmente idealizou a psicanálise, através de um estudo desenvolvido para ajudar pacientes com distúrbios psíquicos e comportamentais. Para o autor, o homem possui uma mente complexa que inclui o consciente e inconsciente. Ademais, o seu comportamento é definido e influenciado por forças externas. Freud, aliado a outros estudiosos, formulou inúmeros conceitos importantes para a psicanálise, que contribuíram para o entendimento do funcionamento da mente e do comportamento humano.

Desta feita, entendemos que a Literatura e a Psicanálise possuem interesses comuns quanto ao estudo da psique humana, explorando desejos, traumas e conflitos. De forma que sendo a literatura machadiana um espelho do social, a psicanálise nos dispõem ferramentas para uma leitura mais aprofundada. A fim de compreendermos o que representa cada nuance do comportamento das personas abordadas nas obras machadianas, através da Literatura e Psicanálise, faz – se imprescindível, compreender a ótica pela qual o narrador vislumbra tais comportamentos dentro de suas obras. Desse modo, nas obras mencionadas constatamos alguns personagens que ostentam atitudes distintas, em que o narrador nos instiga a apreciar suas ações, conhecer seus pensamentos e intenções, como verdadeiro psicanalista na literatura.

3.1 Machado de Assis: um psicanalista na literatura

Das inúmeras atribuições do nosso prestigiado escritor, o efeito que suas palavras causam no público é uma das mais deslumbrantes. Machado consegue de forma íntima, nos transportar para a época em que viveu, através de seus personagens cuidadosamente pensados. A ironia, o sarcasmo, compõe de forma magnífica seus textos e a análise do comportamento da sociedade do segundo reinado pelos olhos de Machado é única. Além disso, ressalta-se que é “nos refolhos da frase, no subentendido das cenas, no esforço aparentemente casual da descrição, estão escondidos o interesse lúcido pela realidade social e o sentimento das contradições.” (Candido, 2023, p. 56).

Conforme aludido anteriormente, o principal objetivo de Machado é o comportamento humano, “esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império.” Bosi (2007, p.11). Desta forma, na escrita do *Bruxo do Cosme Velho* vemos um espelho do que se passava naquela época, e além disso, vemos os pensamentos que regem as ações dos personagens diante das situações que lhes são propostas. Machado foi um elegante, retrata sem medo as vicissitudes daquela sociedade, cada personagem é cuidadosamente criada e pensada para representar uma instância do século XIX. Sobre essa condição das personagens machadianas menciona-se:

A psicologia das personagens adquire enorme importância aos nossos olhos, exatamente porque é a psicologia de classes sociais inteiras, ou pelo menos de certas camadas sociais; e, sendo assim, podemos verificar que os processos que se desenvolvem na alma das diferentes personagens são o reflexo consequente do movimento histórico a que pertencem. (Bosi (2007, p.13).

A narrativa machadiana apresenta conflitos, angústias, desejos, loucuras e mecanismos de defesa dos personagens, homens e mulheres que utilizava todos os meios possíveis que podiam para a sua própria sobrevivência. Machado, apresenta em suas obras características de seus personagens, não apenas físicas, como também emocionais, como por exemplo na obra **A mão e a Luva**, os três pretendentes de Guiomar: Estevão, Luís Alves, e Jorge apresentam descrições diferentes:

Estevão, dotado de extrema sensibilidade, e não menor fraqueza de ânimo, afetuoso e bom, não daquela bondade varonil, que é apanágio de uma alma forte, mas dessa outra bondade mole e de cera, que vai à mercê de todas as circunstâncias, tinha, além de tudo isso, o infortúnio de trazer ainda sobre o nariz os óculos cor-de-rosa de suas virginais ilusões. Luiz Alves via bem com os olhos da cara. Não era mau rapaz, mas tinha o seu grande egoísmo, e se não era incapaz de afeições, sabia regê-las, moderá-las, e sobretudo guiá-las ao seu próprio interesse. (Assis, 2023, p.53).

Pensando a sensibilidade, bondade, alma forte de Estevão e o egoísmo de Luiz Alves percebeu-se que há distâncias as quais somente um analista do humano é capaz de percorrer e identificar, sobretudo quando o último é capaz de manipulá-las, camuflá-las ou direcioná-las de modo a conquistar o que necessita. Dada essa condição dos caracteres, acrescenta-se: “Do mesmo modo, consegue despistar o leitor por meio de uma frieza irônica que pode significar despreço pelo homem, mas pode ser também um método de afastamento, recobrando a compreensão piedosa.” (Candido, 2023, p. 56). Por outro lado, ainda se apresenta o terceiro candidato ao coração de Guiomar, conforme lido no fragmento seguinte.

Era um rapaz de vinte e cinco a vinte e seis anos. Jorge chamava-se ele; não era feio, mas a arte estragava um pouco a obra da natureza. [...] Jorge tinha um lindo bigode castanho, untado e retesado com excessivo esmero. Os olhos, claros e vivos, seriam mais belos, se ele não os movesse com afetação às vezes feminina. O mesmo direi dos modos, que seriam fáceis e naturais se os não tornassem tão alinhados e medidos. [...] Não obstante os defeitos apontados, havia nele qualidades boas; sabia dedicar-se, era generoso, incapaz de malfazer, e tinha sincero amor à velha parenta. (Assis, 2023, p.53; 86).

O primeiro é o típico homem romântico, o segundo é calculista e o terceiro é ambicioso, descritos de forma tão precisa que é possível entender suas personalidades, ilustres prodígios para entender o nascimento da Psicologia à época da fundação do Laboratório de Liepzig, na Alemanha. Nesta perspectiva, como a própria Guiomar, que prefere sua ascensão social a qualquer outra coisa. Por outro ângulo, o Dr. Camargo, da obra **Helena**, o narrador o apresenta como um homem de 54 anos, muito amigo do conselheiro Vale, confiante, “pouco simpático à primeira vista. Tinha feições duras e frias, os olhos perscrutadores e sagazes” (Assis, 2008,

p.12), um homem recatado que não demonstrava seus sentimentos. Também se ressalta que “tinha todos os visíveis sinais de um grande egoísta [...]. Era pontual no cumprimento dos deveres de bom católico. Mas só pontual; interiormente, era incrédulo.” (p12).

Desse modo, o narrador vai nos dando características do que esperar desses personagens, através da descrição dos seus comportamentos, olhares e sentimentos. Sejam homens ou mulheres, todos são figuras reais que se moldam de acordo com seus desejos e vontades buscando o seu próprio bem. “Barro sim, mas barro comum à humanidade e do qual todos somos feitos, eles vacilam um pouco (só um pouco) antes de se renderem ao puro interesse, e depois racionalizam, emprestando à argila mole da consciência alguma forma socialmente aceitável. (Bosi, 2007, p.18).

Machado se mostra um psicanalista na literatura por trazer o real e natural de seus personagens, até o pensamento mais íntimo é revelado ao leitor, ele “foi o mais “realista” dos narradores brasileiros do seu tempo; aquele que mais desassombradamente entendeu e explorou o espírito da nova sociedade e mais nitidamente o inscreveu em figuras e reduzem exemplares.” (Bosi, 2007, p.88). Por essa razão, acrescenta-se que “graças à riqueza do seu texto, Machado de Assis é o primeiro narrador brasileiro que suporta uma leitura filosófica. Além disso, seus temas foram incrivelmente precursores, obrigando a crítica, para explicá-lo, a evocar autores que vieram depois, como Pirandello, Proust, Kafka [...]” (Candido, 2023, p. 56).

Não apenas os sentimentos são expostos, como também os espaços vividos e às situações sociais da vida cotidiana. O narrador, apresenta seus personagens atrelados a suas funções e papéis desempenhados na narrativa. Luís Filipe Ribeiro (2008) ao tratar da obra de Machado de Assis, com ênfase em suas personagens femininas, afirma que a mulher desempenha papel importante na construção e manutenção das relações sociais, de modo que as mulheres sejam imprescindível para que o homem alcance riqueza, seja através do matrimônio ou da união dos laços sociais.

Ainda segundo Ribeiro (2008), Machado representa suas personagens femininas no âmbito das relações sociais públicas, sem expô-las diretamente, mesmo que se tratasse de suas peripécias, o autor descreve – as de modo conservador sem esconder seus comportamentos inadequados para a época, ou seus deslizes morais. “Não construiu um mundo de bacanais, nem um antro de perdições; apenas nos ofereceu mulheres de carne e osso, capazes de assumir um corpo e os desejos dele constitutivos, sem nunca cair na grosseria e na exaltação gratuita de uma genitalidade mal resolvida. (Ribeiro, 2008, p. 15) Independente da cena descrita por Machado, mesmo as mais íntimas, a nudez física não era revelada, suas personagens eram despidas psicologicamente, mas nunca corporalmente.

Ele constrói personagens bem mais complexas, capazes de pequenas canalhices e de heroísmo mínimos, sem jamais atingir o tom maior. Há uma deliberada busca de cotidiano e de humanização, numa pauta de ações comuns, distantes dos grandes gestos e da eloquência heroicizante. Suas personagens introduzem a mulher adúltera, o marido proxeneta, a arrivista sem princípios, o milionário ingênuo e generoso, o aristocrata arrogante e cínico, o marido duvidoso, o amigo infiel e outras figuras contraditórias. Não espere aí encontrar exemplos de conduta, nem monstros de depravação, apenas pessoas comuns com seus defeitos e suas qualidades. Tipos, efetivamente, mais próximos do leitor, seu contemporâneo ou não. E talvez esta não seja uma das armas menores com que ele seduz a sua legião de fiéis. (Ribeiro, 2008, p. 409).

Por fim, nosso psicanalista Machadinho é preciso em seus personagens complexos, não representam apenas o bem ou mal, mas a vida real, ora o bem, ora o mal. Regidos pela lei social, procuram sempre o melhor para si mesmos, seja através de uma enganação ou traição, seja através de meios dignos. Machado de Assis traz figuras femininas únicas, que protagonizam suas histórias de modo a se tornarem exemplos para a sociedade, mulheres que pensavam além da bolha que lhes era imposta e se sobressaía do destino que o patriarcalismo lhes impunha. “E há personagens que, sob a aparência inescapável da sua fisionomia social, podem surpreender nos pelos seus movimentos próprios de uma liberdade interior que contraria as expectativas do seu meio. (Bosi, 2007, p.71).

3.2 Os arquétipos de Carl Jung: discussão teórica

Antes de chegarmos à análise propriamente dita dos arquétipos da resistência feminina na prosa machadiana carecemos saber o que são arquétipos e seu papel na compreensão do desenvolvimento do comportamento humano, uma vez que para Jung (2016) os arquétipos se aplicam nas representações coletivas, mas não submetidos à elaboração consciente, imediata. Isto se nota em “Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, os seus dotes por excelência eficazes” (Assis, 2008, p.25). A respeito disso, cumpre esclarecer inicialmente que a proposição de que elementos universais inatos influenciam o processo cognitivo humano de perceber e compreender o mundo, emergiu historicamente em diversas interpretações antes de Jung elaborar sua tese sobre os arquétipos, como nas teorias dos antropólogos James Frazer e Claude Lévi – Strauss, e dos filósofos, Platão e Kant.

Jung (2016) desenvolve sua tese a partir de achados de sua própria experiência clínica e dos estudos mitológicos, formulando que o ser humano é dotado de uma estrutura psíquica que detém imagens primordiais, universais e atemporais, que ele denominou de arquétipos,

sendo a indicação da “existência de determinadas formas na psique que estão presentes em todo tempo e em todo lugar” (Jung, 2016, p. 51-52). Nesta perspectiva, percebeu-se o comportamento de Guiomar ao contra-argumentar o pensamento de Estevão “- se tivesse achado tudo isso - respondeu Guiomar sorrindo -, é natural que preferisse achar outra coisa menos melancólica [...] parece que nada mais achou do que esta ocasião de falar, com a viva imaginação que Deus lhe deu [...]” (Assis, 2023, p.89, 90).

Os arquétipos, etimologicamente falando, deriva do grego “archetypos” e significa modelo primordial, elaborado por Carl Gustav Jung (1875 – 1961), importante psiquiatra suíço, nascido na cidade de Kesswill em 26 de julho de 1875. Jung, estudou medicina e filosofia na Universidade de Basileia onde desenvolveu interesse pela psique, além dos estudos sobre o ocultismo e a alquimia. Conhecido pelo desenvolvimento da Psicologia Analítica, elaboração do conceito de arquétipo, persona, inconsciente coletivo, dentre outros.

No decorrer de sua trajetória, teve interações com Sigmund Freud (1856 – 1939), pai da Psicanálise, momento importante para a formulação das principais ideias teóricas de Carl Jung, contudo este seguiu por outros caminhos pela discordância das ideias, dentre elas a definição de inconsciente. Por essa razão, convém recuperar que, inicialmente, servia para se referir a tudo o que era esquecido ou que se devia reprimir e isso, em Freud, era de competência apenas do ser, assim, é Guiomar a única responsável por superar a pobreza e orfandade aos sete anos. Ademais para que o leitor entenda o que vem a ser o inconsciente Jung expressa que se trata de:

Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de serem conscientizados. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovamos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos. (Jung, 2016, p. 20).

Haja visto, que para Freud o inconsciente se tratava de conteúdos reprimidos de natureza pessoal, depósito de memórias reprimidas, traumas e impulsos, exclusivo de cada um, por exemplo, o medo de Mrs. Oswald de perder o afeto da baronesa por causa da chegada de Guiomar à casa da madrinha. Enquanto para Jung o inconsciente existia tanto na forma individual, denominada inconsciente pessoal, onde as experiências pessoais ficam, como na coletiva, uma camada mais complexa e profunda pertencente a todos, que não é adquirida através de experiências, é inata, denominado inconsciente coletivo. A respeito disso o psicólogo afirma:

Enquanto o não-ego (inconsciente) parece ser oposto a nós, naturalmente o sentimos como um oposto, mas depois entenderemos que o inconsciente coletivo é como um vasto oceano, com o ego flutuando sobre ele como um pequeno barco. Então, quando vemos isto, surge a questão se estamos contidos no oceano. [...] os peixes são unidades vivas no oceano; eles não são absolutamente como ele, mas estão contidos nele; seus corpos, suas funções, estão maravilhosamente adaptados à natureza da água, a água e o peixe formam um "continuum" vivente. [...] Quando aceitamos este ponto de vista temos que supor que a vida é realmente um "continuum" e destinado a ser como é, isto é, toda uma tessitura na qual as coisas vivem com ou por meio uma da outra. Assim, árvores não podem existir sem animais, ou animais sem plantas, e talvez animais não possam ser sem o homem, ou o homem sem animais e plantas, e assim por diante. E sendo a coisa inteira uma tessitura, não é de admirar que todas suas partes funcionem juntas [...] porque são partes de um *continuum* vivo (Jung, 1976, p. 180).

Por isso, sendo o inconsciente coletivo é muito mais além do que Freud tratava, é complexo, profundo, inato, podendo ser comparado a um vasto oceano, como as preocupações da baronesa em relação ao futuro somadas às lembranças do passado: “- Mrs. Oswald - disse ela -, parece estar escrito que não serei completamente feliz. Nenhum sonho me falhou nunca; este, porém, não passará de sonho, e era o mais belo de minha velhice.” (Assis, 2023, p.71). Desse modo o inconsciente coletivo, como parte da psique, se difere do inconsciente pessoal por não ser resultado de uma experiência pessoal, como também por não ter todos os seus conteúdos inseridos na consciência.

Essa conceituação é igualmente importante para a definição de arquétipo, visto que sendo o inconsciente coletivo uma imensidão, existem, portanto, partículas inseridas nele. Para o Jung, as partículas que compõe o inconsciente coletivo são conteúdos e modos de comportamentos universais, ou seja, comum em todos os seres humanos. Jung afirma que símbolos, valores, padrões e herança coletiva estão contidos no complexo do inconsciente coletivo, o que ele denominou de arquétipos. “O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste em formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida ao conteúdo da consciência. (Jung, 2016, p. 55).

O inconsciente coletivo, como totalidade de todos os arquétipos, é o depósito de toda experiência humana, remontando aos seus primórdios mais obscuros, não um depósito morto – como se fosse um campo de ruínas abandonado –, mas sistemas vivos de reação e prontidão que, por caminhos invisíveis e por isso tanto mais eficazes, determinam a vida individual. Ele é não é, contudo, meramente de um gigantesco preconceito histórico, mas a fonte dos instintos, pois os arquétipos não são nada mais que as formas de manifestação dos instintos. (Jacobi, 2017, p.49).

Desta forma, encontramos depositado no inconsciente coletivo os arquétipos que são “estruturas básicas e universais da psique” (Hillman, 1981, p. 22). Ou seja, modelos ou representações que compõe a estrutura de formação do aprendizado determinando o comportamento de maneira inconsciente, mas de acordo com as leis, e independentemente das experiências de cada indivíduo. (Neumann, 1974, p. 20). Nesta perspectiva, compreende-se que nas representações literárias as personagens carregam aprendizados os quais podem ter sido ensinados ou somente intuídos mediante a convivência como lido nos comportamentos da baronesa, madrinha da heroína Guiomar.

Era ela uma senhora de 50 anos, refeita, vestida com esse alinho e esmero da velhice, que é um resto de elegância da mocidade. Os cabelos, cor de prata fosca, emolduravam-lhe o rosto sereno, algum tanto arrugado, não por desgostos, que os não tivera, mas pelos anos. Os olhos luziam de muita vida, e eram a parte mais juvenil do rosto. (Assis, 2023, p.71).

Os arquétipos funcionam em diversos níveis ou estratos, como imagem, padrão de percepção ou filtro da realidade e emoção ou impulso, devido a isso, ele pode ser utilizado como base conceitual para compreender e explorar todos os tipos de experiências nas quais a função criativa da imaginação está presente, ou seja, imaginais.

Os arquétipos são, por definição, fatores e temas que ordenam elementos psíquicos, formando determinadas imagens (a ser designadas como arquetípicas), mas de uma maneira que só podem ser reconhecidos pelos efeitos que produzem. Eles existem preconscientemente e, supostamente, formam os dominantes estruturais da psique em geral [...]. Como condições a priori, os arquétipos representam o caso especial psíquico do “padrão de comportamento” familiar ao biólogo e que empresta a todos os seres vivos seu tipo específico. Assim como as manifestações desse plano básico biológico podem se alterar no curso do desenvolvimento, as do arquétipo também o podem. Empiricamente, contudo, o arquétipo nunca surgiu dentro do alcance da vida orgânica. Ele entra em cena com a vida. (Jung, 1948, p 374 *apud* Jacobi, 2017, p 45)

O arquétipo designa conteúdos que ainda não foram submetidos ao consciente, é fonte dos instintos. Não são adquiridos ao longo dos anos, nem difundido por tradições, cultura, linguagem, são espontâneos e inatos. Deste modo, percebemos que os arquétipos não são adquiridos de maneira externa e aparecem de acordo com o instinto regendo os pensamentos e ações humanas.

Ainda assim, sendo o arquétipo universal e atemporal, ele se manifesta em função de características culturais e históricas específicas, ou seja, um mesmo arquétipo pode ser representado por mais de uma imagem em um determinado momento e uma determinada cultura, “relativos a determinadas situações típicas e que funcionam como uma espécie de

sabedoria instintiva e automática” (Jung, 1924/1986; Whitmont, 1991). Como afirma Neumann (1974) ao constatar que o arquétipo da Grande Mãe apresenta inúmeras representações imagéticas, mas que preenchem o mesmo arquétipo da figura materna.

Desse modo, sendo o arquétipo manifestado de acordo com a cultura, as primeiras formas simbólicas que trazem as imagens arquetípicas primordiais, são as narrativas míticas na tradição oral. Sendo assim, as mitologias são entendidas como as matrizes das representações das coisas do mundo, haja vista que, o homem ancestral ver o mundo através dos mitos, ou seja, vivencia o mundo formando imagens arquetípicas e esse processo se repete ao longo do tempo em todos os povos demonstrando como o arquétipo é universal e atemporal.

Existem vários arquétipos difundidos pelo mundo e manifestados de acordo com o contexto e situação que o indivíduo vive, visto que, em cada arquétipo temos uma gama de comportamentos e ações, alguns complexos, outros mais simples. A exemplo o arquétipo do Governador, e do Herói, podem estar manifestado em uma mulher que mantém inúmeros papéis sociais, vencendo os desafios e mantendo tudo no lugar. Outro arquétipo é o do Inocente, que pode ser representado por uma criança adorável que vê beleza em tudo, como se vivesse em um paraíso ou por um pai que quer para seus filhos a vida perfeita, sem negar-lhes nada.

O arquétipo do Explorador, busca uma vida melhor, e a descoberta de quem é e o que quer fazer, não é conformado e procura a liberdade e exploração do mundo. Por outro viés, o arquétipo do Sábio acredita que o mundo melhor pode ser conquistado através da capacidade de aprender e crescer, pensar por si próprios e a busca pela verdade. Os arquétipos do Herói, do Mago e do Fora-da-lei são próximos e um tanto parecidos, representam poder; o primeiro prova seu valor correndo riscos afim de derrotar forças malignas e proteger seu povo, o segundo busca tratar e curar a sociedade, e o terceiro busca vingança ou revolução, viola as regras em nome do bem maior.

O arquétipo do Cara comum é ser comum, igual aos outros, ajuda a se adequar a um grupo, se conectar; o Amante rege as formas de amor humano, sejam de amizades, familiares ou romântico, buscando a atração e intimidade emocional e sexual, o Bobo da Corte é espontâneo e leva a vida na brincadeira, como se fosse um comediante, desfruta a vida pelo simples fato de viver com alegria total, além de alegrar os que estão em sua volta. Além desses, existem muitos outros que ditam os comportamentos e ações humanas, que se manifestam pelas nossas tomadas de decisões ao longo de nossas vidas. (Mark; Pearson, 2001).

4 OS ARQUÉTIPOS NA PROSA ROMÂNTICA MACHADIANA

A resistência feminina em Machado de Assis é de forma sutil e estratégica, disfarçada pelos códigos sociais da época, já que as mulheres deveriam seguir os papéis impostos pela sociedade. De modo diverso, os homens machadianos acreditavam possuir o controle das mulheres em sua volta, contudo, Machado, através do uso da ironia e do sarcasmo, revela mulheres que moldam os acontecimentos ao seu favor, desafiando as estruturas sociais por meio da manipulação do discurso, da aparência e das relações estabelecidas, apresentando formas arquetípicas de resistência feminina. Neste sentido, convém ressaltar que a resistência é, aqui, entendida, como

[...] um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextrincável que ata o sujeito ao seu contexto histórico e existencial. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que os prendem à teia das instituições. (Bosi, 2002, p. 134).

Em conformidade com o fragmento toma-se o argumento de que sendo a luz que revela a ação do sujeito no texto literário e os arquétipos, na perspectiva junguiana, “correspondem a conteúdos do inconsciente coletivo complexos, de tonalidade emocional e constituintes da vida pessoal anímica” (Jung, 2016, p. 20), assim essa ação por si exprime um ato de resistência. Como já descrito, os arquétipos são elementos do inconsciente que formam as estruturas da psique, representando os padrões de comportamento de todos os seres vivos, em todas as eras, funcionando como um instinto nato. Desse modo, mostrar-se-á, então, como esses arquétipos de resistência, sobretudo do Herói e do Cara comum se apresentam na prosa machadiana, através de suas personagens Guiomar e Helena, mulheres que desafiavam a lógica da narrativa literária romântica da época, sobretudo, a primeira, ao ter três pretendentes.

Ler Machado de Assis é ainda um desafio ao leitor, pois “em face da sua obra, toda conclusão do leitor é um risco, porque nela o senso do mistério que está no fundo traduz um desencanto aparentemente desapaixonado, mas que abre a porta para os sentidos alternativos e transforma toda noção em ambiguidade.” (Candido, 2023, p. 56). Esse traço da narrativa do Bruxo do Cosme Velho tem reforçado a dificuldade da leitura da sua obra, uma vez que o leitor da atualidade parece procurar por explicações óbvias e objetivas, o que ele não terá no texto machadiano, pois o leitor deste assim como o homem primitivo de Jung é impelido as experiências e acontecimentos que circundam as personagens e o enredo.

Desse modo, cabe mencionar que “para o homem primitivo não basta ver o Sol nascer e declinar; esta observação exterior deve corresponder – para ele – a um acontecimento anímico, isto é, o Sol deve representar em sua trajetória o destino de um deus ou herói que, no fundo, habita unicamente a alma do homem” (Jung, 2016, p. 22). Nesta perspectiva, o tecido literário machadiano assume tintas necessárias à reflexão sobre o cotidiano e ao leitor compete compreender “o humor, o microrrealismo, as ambivalências, a oculta sensualidade, as reiteraões, o ressaibo vernaculizante, a fatura bizarra de alguns trechos e até sestros pueris” (Bosi, 2015, p. 187). Sendo assim, as obras, aqui, analisadas recuperam o conceito de resistência na crítica de Alfredo Bosi (2002) e os arquétipos que conferem esse caráter da resistência conforme a teoria de Jung (2016).

4.1 Arquétipos da resistência feminina em *A Mão e a Luva*

O romance *A mão e a luva*, de Machado de Assis, foi publicado originalmente em 1874 e, na cronologia da produção romanesca do autor o seu segundo, tem como núcleo central o conflito entre o amor e o casamento por interesse. A narrativa conta a história de Guiomar no ano de 1853, como também de outros personagens que atravessam sua trajetória, ressalta-se que esta é contada em *media res*, isto é permeada pelo fluxo de consciência do narrador para explicar os eventos passados e distribuída em dezenove capítulos intitulados. Compete saber, inicialmente, portanto, que Guiomar tinha dezessete (17) anos quando é mencionada pela primeira vez na história como a paixão de Estevão, o amor à primeira vista. Estevão enfeitiçou – se pela mulher que não demonstrava sentir a mesma paixão avassaladora, como lido no fragmento seguinte.

A namorada de Estevão - é tempo de dizer alguma coisa dela - era uma moça de dezessete anos, e, por ora, simples aluna-professora no colégio de uma tia do nosso estudante, à rua dos Inválidos. Estevão tinha-a visto, pela primeira vez, seis meses antes, e desde logo sentiu-se preso por ela, “até a morte”, disse ele ao amigo, referindo-lhe o encontro, o que o fez sorrir de tão estirado prazo. Qualquer que ele fosse, porém, o prazo fatal daquele cativo, a verdade é que Estevão no mesmo ponto em que a viu logo a amou, como se ama pela primeira vez na vida - amor um pouco estouvado e cego, mas sincero e puro. Amava-o ela? Estevão dizia que sim, e devia crê-lo; alguns olhares ternos, meia dúzia de apertos de mão significativos, embora a largos intervalos, davam a entender que o coração de Guiomar - chamava-se Guiomar - não era surdo à paixão do acadêmico. Mas, fora disso, nada mais, ou pouco mais. (Assis, 2023, p.53).

No excerto, o narrador parece suspeitar de que a protagonista talvez não tivesse o mesmo amor que o jovem acadêmico, além de o texto explorar o sofrimento de Estevão e não de Guiomar, não somente pelo verdor dos anos, mas pela necessidade de nos fazer antever o gosto para a compreensão do não dito, daquilo que é subterrâneo no texto. Adiante, mostra-nos uma personagem oriunda de família humilde, filha de um empregado subalterno, que morreu quando ela tinha sete (7) anos, e de uma mulher energética, resoluta e guerreira, que garantiu a educação de Guiomar com o auxílio de sua madrinha, a viúva baronesa. Desde pequena já mostrava traços de quem seria no futuro “era uma criaturinha galante e delicada, assaz é inteligente e viva, um pouco travessa, decerto, mas muito menos do que é usual na infância”. (Assis, 2023, p 74).

Apresentava desde cedo uma força de vontade extraordinária e desenvoltura para aprender tudo o que sua mãe lhe ensinava e até aperfeiçoar, assim, nota-se aspectos essenciais da maternidade, “a bondade nutritiva e dispensadora de cuidados, sua emocionalidade orgiástica e a sua obscuridade subterrânea.” (Jung, 2016, p. 124). Além disso, a mãe ensinou-lhe tudo o que sabia; a ensinou a ler, a coser e a bordar, todos os ofícios de mulher. Sobre o papel da mulher em sociedade, Badinter cita Rousseau (1712-1778), ao estabelecer o papel social da mulher, pela seguinte forma: “A mulher é feita não para si mesma, mas para agradar ao homem [...] para ser subjugada por ele [...] para lhe ser agradável [...] para ceder e para suportar até mesmo a sua injustiça” (Badinter, 1985, p. 242). Perceberemos, porém, a inversão dos papéis na narrativa, assim, cabe mencionar:

Aos treze anos ficou órfã; este fundo golpe em seu coração foi o primeiro que ela verdadeiramente pôde sentir, e o maior que a fortuna lhe desfechou. Já então a madrinha a fizera entrar para um colégio, onde aperfeiçoava o que sabia e onde lhe ensinavam muitas coisas.

Vivia ainda então a filha da baronesa, uma interessante criança de treze anos, que era toda alma e encanto de sua mãe. Guiomar visitava a casa da madrinha; a idade quase igual das meninas, a afeição que as ligava, a beleza e meiguice de Guiomar, a graciosa compostura de seus modos, tudo apertou entre a madrinha e a afilhada os laços puramente espirituais que as uniam antes. Guiomar correspondia aos sentimentos daquela segunda mãe; havia talvez em seu afeto, aliás, sincero, um tal encarecimento que podia parecer simulação. O afeto era espontâneo; o encarecimento é que seria voluntário. (Assis, 2023, p. 76).

Guiomar, quando possuía treze (13) anos, perdeu a sua mãe, ficando aos cuidados de sua madrinha, que a colocou em uma escola, para receber uma educação adequada, nisto nota-se que o arquétipo materno é transferido da mãe para a madrinha, esta que na cultura judaico-cristã é a segunda mãe, sobretudo depois da morte de Henriqueta, a filha da madrinha. Neste sentido, a madrinha é, agora, “a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação

espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento” (Jung, 2016, p. 124). Quando a protagonista tinha cerca de dezesseis (16) anos, “era ainda verdes os seus anos; todavia revelou ela a posse de uma alma igualmente terna e enérgica, afetuosa e resoluta.” (Assis, 2023, p.77), a filha da baronesa morreu e Guiomar foi morar em sua casa; a perda foi tão avassaladora para todos da casa, que a menina precisou cuidar da residência por alguns dias, demonstrando seus dotes e competência.

“A natureza incumbira – se de completar a obra – melhor diremos, começá-la. Ninguém adivinharia nas maneiras finamente elegantes daquela moça, a origem mediana que tivera; a borboleta fazia esquecer a crisálida” (Assis, 2023, p. 78). Notamos, assim, como a personagem se aperfeiçoou diante das circunstâncias, à proporção que vivia com sua madrinha, aprimorava seus instintos para viver na sociedade em que entrara, dificilmente alguém deduziria sua origem humilde, visto que apresentava em si maneiras finamente elegantes, “dessa elegância que nasce com a criatura ou se apura com a educação” (Assis, 2023, p.63).

A personagem Guiomar é descrita como uma mulher bonita, olhos castanhos, graciosa, leitora, alta, de cabelo escuro, “com uma alma singular; passa facilmente do entusiasmo à frieza, e da confiança ao retraimento.” (p. 73). Uma mulher forte, que sabia se comportar, não deixando seus sentimentos totalmente à mostra. Carregava em si, marcas do tempo; muito cedo perdeu seus genitores, ficando aos cuidados de sua madrinha, a quem amava como se fosse sua mãe. Tratou de dedicar-se a ela, após a perda de sua filha, suprimindo todas as necessidades. Apesar de adquirir uma vida de luxo, posses não eram o que interessava à personagem em comento, tendo em vista, seu apego a outros ideais.

Guiomar amava sua madrinha como se fosse sua mãe, por isso, procurou inicialmente satisfazer seus desejos em relação ao casamento. Dois homens se declararam a ela; um deles a ama loucamente, a ponto de cogitar o suicídio, por causa da rejeição. Já o outro pretendente, que nutria sentimentos por sua pessoa, e talvez o goste superficialmente, como afirma o autor, estava mais interessado em ter ao seu lado uma moça bela, com a boa herança de sua tia. Guiomar não se encantou nem por um e nem por outro, não desejava um amor de roubar o fôlego, nem uma vida de luxo, almejava “um homem que, ao pé de um coração juvenil e capaz de amar, sentisse dentro em si a força bastante para subi-la aonde a vissem todos os olhos.” (Assis, 2023, p.121).

Por sua vez, em seu interior, Guiomar almejava status social, ser reconhecida, almejava se sobressair diante daquela sociedade, o que a difere da mulher típica daquela época, que ansiava pelo casamento com um homem pré-estabelecido por seu pai ou irmão, alguém

aprovado dentro do núcleo familiar e social em que a mulher estava inserida. Neste sentido, a heroína já demonstra que mesmo sendo uma mulher comum, ela é a dona dos seus pensamentos, ela é racional, dissimula as contrariedades do cotidiano em busca dos seus desejos, assim, vê-se que:

A inglesa sorriu, - e deixou por mão aquele argumento; firmou-se, porém, no da afeição. Guiomar não se oporia a um desejo da madrinha; era urgente dar-lhe o golpe, Jorge não se atrevia a surpreender por esse meio a aquiescência da moça; mas acreditava na eficácia dele, e sobretudo receava perder a causa. Uma vez que a vencesse, tudo podia confiar no tempo e do seu amor. (Assis, 2023, p. 131).

Mediante o fragmento observa-se que embora criada em um ambiente em que a madrinha, viúva, representa a voz do patriarcado em relação à obediência e fidelidade daqueles com que ela convive, a heroína desde cedo reconhece as suas ousadias e seus limites. Nisto, vê-se que Guiomar é ambiciosa e racional, não é uma personagem típica romântica, movida por uma visão pragmática da vida, na qual o casamento, além de um ato de amor, é uma estratégia de garantia do seu futuro. Embora ainda seja uma personagem limitada pela sociedade da época, sua personalidade forte e capacidade de decisão faz dela uma personagem inovadora, determinando seu destino por sua própria escolha, sem ser um homem quem decide.

“Guiomar, embora viva sob a tutela da madrinha baronesa, não escolherá para marido o homem que esta prefere: levantará os olhos para outro pretendente, ambicioso como ela e por isso mais promissor e apetecível.” (Bosi, 2007, p.19) Para alegria de Guiomar, a personagem encontrou o homem que poderia lhe dar toda a glória que desejava, este era Luís Alves, advogado, melhor amigo de Estevão, e deputado da cidade. Luís Alves, revelou a Guiomar que a amava, fazendo-a perceber que também o amava, ocasionando o casamento de ambos, uma relação de pura conveniência.

É possível notar na história da personagem, sua coragem de seguir suas vontades, impor suas escolhas. Como dito, esta sabia lidar com seus sentimentos e portar-se diante dos demais, revelando suas capacidades ao conseguir o homem que pudesse lhe proporcionar maior destaque social, alguém que não era um “anjo”, mas sim um “demônio”, conforme descrito na obra de Machado: “Saiba pois que sou muito senhora da minha vontade, mas pouco amiga de a exprimir; quero que me adivinhem e obedeçam; sou também um pouco altiva, às vezes caprichosa, e por cima de tudo isso tenho um coração exigente. (Assis, 2023, p.149).

Observamos, portanto, que a própria personagem se percebe como uma mulher forte, que usou o casamento como uma oportunidade, assim como já dito por Faoro (1974, p. 224): “O casamento é um negócio, como um negócio é a herança, mas negócios que tocam em coisas

sagradas, o amor e a morte”. Guiomar encontrou no casamento uma forma de suprir os seus caprichos e realizar sua vontade, invertendo o papel social da mulher, já citado anteriormente. Guiomar não era retratada como uma mulher submissa, que servia ao homem, pelo contrário, ela fazia os homens lhe servirem. Por isso, atesta-se que a protagonista apresenta sua forma arquetípica resistência pela inteligência e astúcia de manejar seu próprio destino buscando o que as mulheres da época eram obrigadas, o matrimônio, mas de modo diferenciado, como uma carta de alforria.

A moça perspicaz e determinada, que busca firmemente a realização do seu projeto matrimonial e, por tabela, patrimonial, é vista com singular complacência em *A mão e a luva* e *Iaiá García*. A jovem que soube no momento azado ocultar os seus planos é como que alçada e promovida a um grau mais alto na escala das personagens e não se confunde com os figurantes do primeiro degrau, pois, tratando de Guiomar ou de Iaiá, o narrador fará penetrar na câmara escura do sujeito a consciência da necessidade onde brilha o raio da autodeterminação. (Bosi, 2007, p.19).

Assim, Guiomar utilizando seus arquétipos de força, coragem e inteligência, assume suas próprias vontades, escolhendo para si o homem que mais se parece com ela, proporcionando um futuro como a personagem desejava, cheio de status. Divergindo do meio social que estava inserida, procurou maneiras de se autorrealizar mesmo sendo aos olhos da sociedade naquela época, quase que impossível.

4.2 Arquétipos da resistência feminina em Helena

O romance **Helena**, publicado em 1876, corresponde à chamada fase de maturação ou romântica da obra machadiana e sua ação se desenrola no ano de 1850 com alusões históricas ao decênio anterior, assim, o pano de fundo da narrativa são os conflituosos primeiros anos do reinado de Dom Pedro II. Em sentido diverso, a história da personagem Helena, do romance de mesmo nome, se passa em 1850, com a morte do Conselheiro Vale, homem de grande prestígio social, é realizada a leitura do testamento. Inicialmente a família estava composta por apenas duas pessoas: um filho, Estácio, e uma irmã, Úrsula; após a abertura e leitura do testamento, Helena é reconhecida como filha natural e deveria ir morar na casa com a família, desse episódio, menciona-se:

Uma disposição havia, porém, verdadeiramente importante. O conselheiro declarava reconhecer uma filha natural, de nome Helena, havida com D. Ângela da Soledade. Esta menina estava sendo educada em um colégio de Botafogo. Era declarada herdeira da parte que lhe tocasse de seus bens, e devia

ir viver com a família, a quem o conselheiro instantaneamente pedia que a tratasse com desvelo e carinho, como se de seu matrimônio fosse. (Assis, 2008, p. 14).

Mediante o fragmento, observa-se que a nossa heroína é bastarda e, só após a morte do seu pai, a existência dela é revelada aos outros herdeiros, assim, o próprio inconsciente torna-se consciente (Jung, 2016). D. Úrsula era tradicional, amiga dos costumes, foi quem primeiro se opôs a vinda da menina para a casa, na sua concepção a “nova filha era, no seu entender, uma intrusa, sem nenhum direito ao amor dos parentes [...]” (Assis, 2008, p.14). Estácio, por outro lado, aceitou o que o seu pai ordenava, não se opôs a vinda de Helena, para ele lhe parecia uma boa ideia ter uma meia – irmã, não se importou com sua origem, pois “eles saberiam levantar a filha até à classe a que ela ia subir.” (p.15).

Helena tinha entre 16 ou 17 anos quando foi morar com sua nova família tinha a aparência “delgada sem magreza, estatura um pouco acima de mediana, talhe elegante e atitudes modestas.” (Assis, 2008, p.21). Apesar de não ser pertencer inicialmente a uma alta classe da sociedade, apresentava comportamento digno de quem pertencia. É senhora de si, de cabelos e olhos castanhos, uma mulher que, na narrativa de Machado de Assis:

Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, os seus dotes por excelência eficazes. O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo, era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres. Helena praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse gosto, frívola com os frívolos, grave com os que o eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes.

Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, [...]. Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, - não humilde, mais digna, - conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis. (Assis, 2008, p.25 - 26).

Como visto, Helena, era detentora de muitas qualidades e possuía múltiplas facetas, sabendo se comportar em qualquer ambiente. Uma prova disso é a passagem em que a personagem finge não saber montar a cavalo e pede ajuda a seu irmão, que logo a instrui a perder o medo, e Helena afirma que “o medo é um preconceito dos nervos. E um preconceito desfaz – se; basta a simples reflexão.” (Assis, 2008, p.37) E nesse instante toma toda a

admiração do irmão por saber de tais coisas. E no momento seguinte já começa a cavalgar, vendo isso, D. Úrsula pergunta:

- Que é isso? Já aprendeu? Interveio D. Úrsula, do alto da varanda, onde acabava de chegar.
- Estava caçoando conosco, disse Estácio. Vê como saber montar?
- Ela sabe tudo, murmurou D. Úrsula entre dentes. [...]
- [...] Helena cavalgava perfeitamente [...] (Assis, 2008, p. 38-39).

Helena já demonstrava seus dotes que a família não conhecia, e Estácio questiona o porquê do fingimento, bastava que lhe pedisse para acompanhar. Helena, já demonstrando sua esperteza, responde que se tratava de um cálculo pois, “havia um meio de lhe dar mais gosto em sair comigo; era fingir que não sabia montar. A ideia momentânea de sua superioridade neste assunto era bastante para lhe inspirar uma dedicação decidida.” (Assis, 2008, p.39). Neste sentido, ao ser considerada um exemplo de mulher ideal, vê-se como o arquétipo do cara comum, pois tem sólidas virtudes, parece dar importância às situações e ao outro, mas isso como estratégia para pertencer ao novo mundo que o pai o dera ao reconhecê-la como filha e legítima herdeira.

Helena configura-se como uma mulher ideal e para além da sua época, pois já começa a apresentar traços de resistência à sociedade machista e patriarcal, demonstrando um comportamento e opiniões que difere do modelo estabelecido para a mulher do século XIX, que deveria ser retraída e submissa, subserviente aos homens em seu redor, sem voz nem vez, sem representatividade, apenas para os seus trabalhos feminis, dando seguimento à manutenção da construção de mulheres como: “[...] personagens femininas tradicionalmente construídas como submissas, dependentes, econômica e psicologicamente do homem, reduplicando o estereótipo patriarcal” (Zolin, 2003, p. 165). A partir do argumento da professora, entende-se que a heroína carrega outras tintas, Helena não é a mulher submissa dos romances alencarianos, tampouco se parece com a Lúvia do romance **Ressureição**, embora com alguns comportamentos tidos como adequados às mulheres ela foge à regra do patriarcado.

Outra evidência do posicionamento autêntico de Helena é demonstrada por meio da passagem em que, durante um passeio a cavalo, suas convicções contrastam com a opinião de seu irmão, sobre a percepção do tempo, em relação a um escravo. Helena defende que tudo é uma questão de ótica, interpretação dos fatos e da assimilação das vivências, pois, para o escravo, o ato de caminhar pode significar um tempo a mais de liberdade, um lapso de fuga da realidade de uma vida marcada pelo sofrimento da servidão escravocrata. Mais adiante, Estácio tece um comentário totalmente machista e estereotipado, no qual, creditaria a Helena atributos

honrosos, presentes somente em homens valorosos, permitindo a constatação da disparidade entre as qualidades atribuídas a cada gênero:

Estácio soltou uma risada.

- Você devia ter nascido...

- Homem?

- Homem e advogado. Sabe defender com habilidade as causas mais melindrosas. Nem estou longe de crer que o próprio cativo lhe parecerá uma bem-aventurança, se eu disser que é o pior estado do homem. (Assis, 2008, p. 41).

É notável durante a narrativa, a posição que Helena vai aos poucos assumindo dentro da família. Isto é exemplificado em um determinado momento de decisão relevante sobre a vida política de seu irmão, pois o voto de Helena é considerado, o que permite o desgosto e espanto do Dr. Camargo. Notamos este aspecto pois, como afirma Kant, filósofo alemão, em relação a tomada de decisões pelas mulheres da época: “[...] apesar de terem um entendimento saudável (sem deficiências mentais), possuem deficiências (fraquezas) que tornam necessário que outra pessoa assuma a responsabilidade por elas no que se refere às questões de natureza civil.” (Kant, 2009, p. 106).

Conforme o aludido comentário, a história demonstra que nas sociedades antigas, de pensamentos machistas e arcaicos, o poder de decisão não cabia à mulher; suas escolhas eram mitigadas, suas opiniões, silenciadas. Helena, por sua vez, mostra – se de forma diametralmente oposta ao convencionado socialmente, pois detêm o controle da situação, demonstrando que a sua opinião era válida, tal qual a de um homem, como visto no conselho que a protagonista dá a Estácio transcrito a seguir.

- Penso que é mais duvidoso; ou você é mais hábil. Há de ser isso. Naturalmente parece-lhe fraqueza amar - isto é, a coisa mais natural do mundo, a mais bela, não direi a mais sublime. Os homens sérios têm preconceitos extravagantes. Confesse que ama, que não é indiferente a esse sentimento inexprimível que liga, ou para sempre, ou por algum tempo, duas criaturas humanas. (Assis, 2008, p.55).

A personagem, conforme já relatado, carregava traços de singularidade e oposição às convenções sociais estabelecidas, evocando um pensamento de emancipação feminina, o que era evidenciado homens do meio social em que vivia, assim como afirma o padre Melchior, que, ao seu ver: Helena possuía um espírito atrevido e tenaz (Assis, 2008, p.168). Em outra conversa com o padre, a protagonista afirma que nunca iria se casar, pois, segundo seu entendimento:

[...] Paixões de largos anos, chegando ao casamento, acabam muitas vezes pela separação ou pelo ódio, quando menos pela indiferença. O amor não é mais que um instrumento de escolha; amar é eleger a criatura que há de ser companheira na vida, não é afiançar a perpétua felicidade de duas pessoas, porque essa pode esvair-se ou corromper-se. Que resta à maior parte dos casamentos, logo após os anos de paixão? Uma afeição pacífica, a estima, a intimidade. Não peço mais ao casamento, nem lhe posso dar mais do que isso (Assis, 2008, p. 100).

Conforme observado acima, o matrimônio não era o que Helena buscava, seus anseios não almejavam uma vida de amores, o que era uma obrigação feminina imposta naquelas circunstâncias. Para ela, casar-se tratava apenas de negócios, mera formalidade e convenção social. Assume uma posição de heroína ao se sacrificar, do que permitir que o sistema a molde:

É instrutivo notar – o que Lúcia Miguel-Pereira já fez com acuidade – a forjadura ainda romântica da primeira heroína machadiana: ela se sacrifica por obra da consciência moral em um meio onde só a prudente autopreservação teria futuro. Trata-se de Helena, protagonista do romance homônimo. Helena prefere morrer a ser julgada aventureira, isto é, capaz de ter ocultado a sua filiação e aceito o equívoco de passar por herdeira legítima de um abastado conselheiro do Império. Helena efetivamente morrerá “de pundonor”, tal o constrangimento que a situação, enfim aclarada, causou na sua alma ingênua. E “fé ingênua” é a expressão que Machado de Assis empregará [...]. (Bosi, 2007, p.45).

Como relatado, ao final do romance machadiano, diante das circunstâncias, a protagonista falece. “A única saída possível para tantas pressões seria a morte (...). Helena é transformada em vítima de um universo fechado, a família patriarcal à qual não consegue se integrar (...) Ela abdica de tudo, da herança do amor de Estácio e da sua própria vida, em favor da honra e da dignidade pessoais (Wanderley, 1996 p. 74;77;84). Helena encontra na morte a sua liberdade, escolhe morrer, ao invés de viver a situação que lhe impunha os homens de sua família. Assim, Bosi, teoriza a respeito do romântico em Helena e chega a uma conclusão viável de que a morte da protagonista é incomum e demonstra a liberdade que Machado tem ao criar suas personagens fora da bolha do senso comum e do esperado:

O desfecho de *Helena* atinge a fronteira que separa o possível do improvável. Dizer que é um final romântico será meia verdade. A questão de fundo é saber o que significaria, no universo da ficção machadiana, uma personagem que morre em razão de uma crise moral. Uma resposta viável é a que concede ao narrador certa margem de liberdade na sua invenção; liberdade que a grade do bom senso convencional lhe vedaria: a faculdade de conceber personagens que não se reduzem à mediania estatística dos homens e mulheres representantes de um certo tipo: por exemplo, o da moça pobre que se agrega a uma família rica. Ora, essa resistência à fôrma social média é possível, no processo da criação ficcional, na medida em que atuam na memória, no sentimento e na fantasia do artista modelos ideais de comportamento. (Bosi, 2007, p.46).

Por essa razão, é notório na construção dessa personagem um ideal de comportamento que difere do que se espera, ela apresenta sua resistência através da recusa e subversão do papel que foi lhe imposto, fazendo-se revolucionária em escolher a morte ao permitir que o sistema influenciasse sua decisão ao ponto de obrigar a se casar por relações sociais ou porque era o esperado da época.

Helena desmente as expectativas “normais”, ou seja, as expectativas do que constituiria a média dos comportamentos esperáveis no seu contexto. Ela não tem o estofo de Guiomar nem o de Iaiá Garcia, *que se valem do sistema para ascender no sistema*. Machado atribui a Helena um ideal de nobreza íntima, atípico, logo imprevisível, se considerados o seu “berço” e a situação equívoca em que entrou para a família do Conselheiro Vale. [...] Os valores que a constituem como pessoa não a põem à frente do seu estreito círculo, mas acima e, idealmente, atrás.

[...]

Observe-se que a convenção patrimonial tinha sido rigorosamente mantida pelo testamento do Conselheiro, ao reconhecer Helena como filha legítima, com a plena convivência do pai natural e a aceitação, embora relutante, de Helena; mas toda essa armação paternalista acaba sendo relativizada como fonte de autêntico valor: “Ouro é o que o ouro vale”, afirma Salvador. “Herdou o orgulho do pai!” - murmurou Estácio quando viu Helena preferir a renúncia de tudo à vergonha de parecer calculista justamente no momento em que o contexto iria favorecê-la. (Bosi, 2007, p.62).

Helena não utiliza a manipulação social como resistência, ela procura resistir ao afirmar sua própria identidade e como digna do seu espaço na sociedade, além de recusar o casamento por conveniência, afirmando sua autonomia em recusar-se a se encaixar no papel que lhe foi imposto. A morte é sua última forma de resistência, como reafirmação de liberdade ela não permite viver presa a papéis que a limitam e a moldam de acordo com a vontade masculina. E isso é visto como orgulho e honra pessoal consoante o excerto seguinte:

No romance, que tem rasgos do paleo-romantismo rousseauísta, a dignidade de Helena, negando – se ao vexame de ser julgada pelos donos do favor, recebe o nome positivo de *orgulho*. A dignidade de Salvador, seu pai, é chamada *necessidade moral*. Ambas as expressões remetem diretamente ao sentimento e à ideia de *honra pessoal*, cujo dinamismo interno se recusa às manobras da razão utilitária. (Bosi, 2007, p. 62).

Machado ao construir essas personagens únicas, complexas, modifica a idealização romântica da mulher como passiva e submissa. Suas personas femininas, longe de serem vítimas indefesas, demonstram um controle de suas ações e manuseio de seus destinos “Na figuração dessas mulheres o narrador admira o seu vigor espontâneo e indomável, sentimento

que se afina com certos veios culturais de longa duração no complexo da literatura ocidental.”
(Bosi, 2007, p. 21).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito, a presente pesquisa partiu da carência de trabalhos que relacionam a Literatura sob o viés da Psicanálise, no que tange os padrões de comportamento humano, tratando-se especificamente das personagens femininas do saudoso Machado de Assis, maior representante da Literatura Brasileira. O que aqui foi discutido é apenas a ponta do iceberg podendo ser continuado posteriormente através de artigos, dissertação, em uma pós-graduação, com uma análise mais aprofundada.

Nosso objetivo foi realizar uma análise teórica acerca da construção psicológica das principais personagens femininas do poeta e prosador Machado de Assis, identificando os elementos demarcadores dos arquétipos da resistência feminista a partir das personagens Guiomar e Helena; caracterizando elementos arquetípicos de resistência feminista na representação das personagens de Machados de Assis e; discutindo a noção de resistência das personagens Guiomar e Helena nos romances machadianos, **A Mão e a Luva** e **Helena**, respectivamente.

Através dos fichamentos realizados e da leitura de autores renomados, conseguimos alcançar nossos objetivos, a partir do que foi discutido, em relação ao papel social da mulher e seus deveres, notando que Machado de Assis, traz em suas obras a crítica a uma sociedade patriarcal e colonial da época, e uma inclinação a defesa dos direitos femininos, através das personagens aqui citadas, que vivem sob a condição social em que as mulheres viviam no século XIX, mas que já trazem em si traços de mudança, ainda que sutis e chamativos, vez que se contrapõem ao que a sociedade convencionava.

Machado de Assis, como já posto no capítulo inicial, renomado escritor brasileiro que subiu todos os degraus possíveis através das obras de suas próprias mãos, mesmo as dificuldades financeiras não conseguiram atrapalhar o intelectual do Bruxo do Cosme Velho. Suas obras são verdadeiros espelhos da sociedade em que viveu, nos dando pistas do que ocorria naquela época, além de evocar sentimentos e pensamentos em seus leitores. Sua escrita é única e suas personagens são complexas e originais, de modo especial, o escritor cria as suas mulheres de formas distintas, com características puras, personalidades fortes e algumas vezes, traiçoeiras, que encaram à sua maneira, seus medos e desejos, inspirando mulheres deste contexto histórico a tomar um posicionamento, em busca de seus direitos.

Um verdadeiro psicanalista na literatura, conforme descrito no capítulo seguinte, ao nos mostrar personagens reais, repletos de sonhos, medos, defeitos, sentimentos, que se comportam ora de acordo com a sociedade em que vivem, ora destoando do comportamento esperado,

demonstrando como já descrito, os arquétipos que são elementos do inconsciente que formam as estruturas da psique, representando os padrões de comportamento de todos os seres vivos, em todas as eras, funcionando como um instinto nato

Por fim, é encantador notar que as personagens Guiomar e Helena apresentam arquétipos de resistência feminista, perceptível através de seus comportamentos, ações e pensamentos. Resistência essa que ainda que seja de forma sutil, é elaborada e serve como espelhos para suscitar a coragem em outras mulheres. Apesar do meio e época em que estão inseridas, é possível notar nas entrelinhas, mulheres que carregam uma personalidade diferenciada, reproduzindo a resistência feminista que futuramente seria desenvolvido e aperfeiçoado, que não só tem arquétipos como também servindo como figuras arquetípicas de resistência, apresentando comportamentos que contribuiriam para a quebra dos parâmetros instituídos pelo patriarcado.

Desta forma, as personagens machadianas seriam verdadeiros modelos a serem espelhados por mulheres da atualidade, tendo em vista que não reproduziram um padrão de comportamento ditado ao longo da história da evolução em sociedade, mas que demonstraram ser os próprios arquétipos de resistência feminista, tornando-se palco onde protagonizaram o respeito, a confiança e o sentimento de causa.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 39 – 69. Disponível em: <https://ia903401.us.archive.org/7/items/livrainosdomal2020/%20Mary%20del%20Priore%20-%20Hist%C3%B3ria%20das%20Mulheres%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 18 abril 2024.
- ASSIS, Machado de. **A mão e a luva**. Porto Alegre- RS: L&PM, 2023.
- ASSIS, Machado de. **Helena**. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Nossa literatura)
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira. **Tempos e Memórias do Feminismo no Brasil**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Disponível em: <https://docslib.org/doc/7974673/tempos-e-mem%C3%B3rias-movimento-feminista-no-brasil>. Acesso em: 10 abril 2024.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar** / Alfredo Bosi. – 4ª ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 6a ed. São Paulo: Companhia das letras, 2000. 1a edição: São Paulo: Cultrix, 1977
- CANDIDO, A. **Direitos Humanos e Literatura**. In: FESTER, A. C. R. Direitos humanos e ... São Paulo: Brasiliense, 1989. p.107-26.
- CANDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Teresa [recurso eletrônico]: revista de literatura brasileira 20** / organização: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, área de Literatura Brasileira. — São Paulo: flch-usp, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa> Acesso em: 07 abril 2024.
- COELHO, Nelly Moraes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo. Moderna, 2000.
- COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria. **O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva**. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria (org.). O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 01-22

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

GUIMARÃES, H. de S. **Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano**. Estudos Avançados, v. 18, n. 51, p. 269 – 298, maio de 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000200019> acesso em 05 abril 2024.

HILLMAN, James. **Estudos de psicologia arquetípica**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung** / Jolande Jacobi ; com prefácio de C.G. Jung e 5 ilustrações ; tradução de Milton Camargo Mota. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017. – (Coleção Reflexões Junguianas)

JUNG, C. G. **The visions seminars**. Zürich: Spring, 1976

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ : Vozes, 2016.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo / CG. Jung**; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. – Petrópolis, RJ; Vozes, 2000.

KANT, E. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Tradução Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2009

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **O Herói e o Fora-da-lei**, como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos. São Paulo: Cultrix, 2001.

MASSA, Jean-Michel. Entrevista. In **Teresa: revista de Literatura Brasileira**. Machado de Assis, n. 6/7, p. 457-469. São Paulo: Ed. 34, 2006

MISKOLCI, Richard. **Machado de Assis, o outsider estabelecido**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan./jun. 2006, p. 352-377 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/h43yPSrQ5btydGZxs6VTvgn/?format=pdf&lang=pt>

NEUMANN, E. **A grande mãe**. São Paulo: Cultrix, 1974

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

RIBEIRO, J. P. A resistência olha a resistência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. spe, p. 73 – 78, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ByfX8pRYy7pBz5GhkRwCwdq/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 abril 2024

RIBEIRO, Luís Filipe. **Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SANTOS, Ramaiane Costa. SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. **O Antes, o Depois e as Principais Conquistas Femininas**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 5 – Edição 1, Cidade Universitária, São Paulo, Setembro – Novembro, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/23364017-O-antes-o-depois-e-as-principais-conquistas-femininas.html> Acesso em: 05 abril 2024

SENA, Tatiana. **Machado de Assis, tipógrafo. Machado de Assis em Linha**, v. 13, n. 29, p. 33-46, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-6821202013293> . Acesso em: 01 jan. 2025.

SERBENA, Carlos Augusto. **Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica**. Rev. abordagem Gestalt., Goiânia, v. 16, n. 1, p. 76-82, jun. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010&lng=pt&nrm=iso . acessos em 12 nov. 2023.

SOARES, Vera. **Muitas faces do feminismo no Brasil**. In: BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau (Org.). **Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos trabalhadores**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998.

SOUSA, Livia Mesquita de; VIANA, Terezinha Camargo. A alma exterior em Machado de Assis: um olhar psicanalítico. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 11, n. 3, p. 1083-1111, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011001300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 jan. 2025.

VERÍSSIMO, José. “**Um novo livro do Sr. Machado de Assis**”, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11/1/1892, pp. 1-2.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: Bonnici, T. & Zolin, L. O. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringa: EDUEM, 200